

NOTA EDITORIAL

Com o presente número, iniciamos a publicação do trigésimo quarto volume da Revista Filosófica de Coimbra. Com o compromisso que semestralmente renovamos com os nossos leitores, também nesta ocasião apresentamos ao público interessado no horizonte dos estudos filosóficos um conjunto de trabalhos que, estamos convictos, não deixará de convidar à reflexão. De um modo necessariamente breve, apresentamos a seguir as quatro secções – *Artigos, Estudo, Documento, Recensões* – que compõem o presente número.

A sessão de *Artigos* abre com um trabalho de Fernanda Bernardo, intitulado “Desafios da Fraternidade. O pressuposto *antropo-falocêntrico* em questão. Repensando o humano e o *humanismo* com Lévinas e Derrida”. É um privilégio incluir este trabalho, em jeito de celebração de uma carreira académica longa e marcante de uma das mais reconhecidas especialistas do pensamento dos autores destacados no título mencionado. O artigo – profundo, elegante e atual – organiza-se em três grandes momentos – (a) *Desafios da fraternidade*; (b) *Os desafios da fraternidade ética de E. Lévinas*; (c) *A hipérbole feminista ou o feminino para além da diferença sexual e § 4 Feminizar a Fraternidade* – e nos derradeiros parágrafos somos convocados pelas seguintes linhas, que resumem bem o escopo científico do ensaio, bem como o contexto intelectual que mobiliza: “(...) só a pluralidade destas *diferenças sexuais* (fem. - «masc.»/«fem.» = n+n+n...) lembra e reafirma a denegada, recalçada, exorcizada e esquecida *feminidade* da *différance sexual*, impede os *-ismos* – isto é, impede as hipotecas ideológicas de índole ontológica, sociológica ou antropológica essencializantes – e configura a promessa de um outro feminismo, de uma outra fraternidade, de um outro humano, de um outro humanismo e, mesmo, de outros Direitos Humanos”.

Seguindo a ordem alfabética do último nome dos autores, encontraremos a seguir a contribuição de Gabriel Marino, do Departamento de Ciência Política da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Nesta ocasião, escreve o autor sobre Max Horkheimer e Eric Voegelin. Mais precisamente trata-se de apresentar “uma exposição e contraposição crítica” de aspetos fundamentais da obra dos dois conhecidos pensadores. O texto guarda evidente atualidade

e interesse e poderia ser apresentado com as seguintes linhas retiradas do *resumo*: pretende-se apresentar “aproximações possíveis – provavelmente mais agudas do que o esperado, quando comparamos autores marxistas e intelectuais abraçados pelo movimento político conservador – e divergências patentes entre [Max Horkheimer e Eric Voegelin], norteadas pelos estilos, métodos e pressupostos de cada um”.

Apraz-nos assinalar igualmente a publicação na nossa Revista Filosófica de Coimbra de um trabalho de Michael Naas, reputado investigador da DePaul University, de Chicago, que aqui se divulga em tradução portuguesa da autoria de André Mendes, Bruno Padilha e Hugo Amaral. Pensador contemporâneo de inquestionável prestígio, com ampla e marcante obra filosófica publicada, Michael Naas honra as páginas da nossa Revista com «Fenómenos do Limiar: Jacques Derrida e a Questão da Hospitalidade». Como refere o autor, trata-se de estudar “o pensamento de Jacques Derrida sobre a hospitalidade, à luz do seu seminário de dois anos, de meados da década de 90, recentemente publicado, sobre a temática”.

O quarto texto da secção que costumeiramente abre cada um dos números da nossa Revista é da autoria conjunta de Inês Guimarães Peixoto e de Carlos Bizarro Morais. Trata-se de uma importante investigação dedicada às “condições de significação da obra de arte” no contexto da obra de um filósofo contemporâneo recentemente falecido: Xavier Rubert de Ventós. De entre os vários méritos do trabalho em apreço, certamente se deverá apontar o de dar a conhecer um autor ainda pouco estudado, ao mesmo tempo que lança luz sobre propostas e caminhos inexplorados do horizonte da filosofia contemporânea.

Segue-se um artigo da autoria de Henrique Jales Ribeiro, nome que dispensa apresentações por ser autor reconhecido e colaborador assíduo da nossa Revista. Nesta ocasião, temos o grato privilégio de publicar “O mito do enquadramento, de Popper, reenquadrado”. O título, escolhido com mestria, seria certamente suficiente para despertar o interesse dos leitores competentes de filosofia. Mas, ainda assim, atrevemo-nos a destacar estas linhas iniciais do quinto e derradeiro ponto em que o artigo se subdivide: “(...) a problemática do relativismo, que está na base de *The Myth of the Framework*, antes de ser um assunto, mais ou menos fundamental, das filosofias da época em que esse ensaio foi elaborado, designadamente das filosofias da ciência, começa por ser um assunto do próprio racionalismo crítico. Mas as duas coisas (relativismo dentro e fora da filosofia de Popper) estão estreitamente ligadas”.

A secção de *Artigos* do presente número encerra-se com um trabalho de Benedito João Simone, da Universidade São Tomás de Moçambique. O artigo intitula-se “A ideia de vida boa em Aristóteles e Rothbard”. Acreditamos que este texto encontrará no público da Revista Filosofia de Coimbra muitos leitores interessados. O autor resume de modo claro, nos momentos iniciais do artigo, o objetivo central do seu escrito. Reproduzimos as suas palavras: “o presente artigo não visa fazer a reconstrução histórica do reafirmar do pensamento ético de Aristóteles até aos nossos dias, mas, ao invés, e sem fugir à essência dessa questão, confrontar Aristóteles

e Murray Newton Rothbard, no que tange especificamente à questão da ideia de uma vida boa ou da melhor forma de vida, o objeto de toda filosofia prática”.

Encerrada a secção de *Artigos*, os nossos leitores encontrarão um *Estudo* da autoria de Gonçalo M. Abreu e Santos, que recebeu o seguinte título: “Melodia da Vida: o espaço da música e o vivido da psique patológica, sob a batuta de Eugène Minkowski”. Investigador cujos trabalhos auspiciam promissores resultados, Gonçalo Santos desenvolve atualmente as suas pesquisas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Nesta ocasião, publica um trabalho que se situa nos férteis lugares de fronteira entre a psiquiatria contemporânea e a fenomenologia. Trata-se de pensar a relação entre corpo e música como ponto de partida de uma análise fenomenológica do “espaço vivido”, projetando possíveis repercussões deste conceito sobre a análise de estados psíquicos patológicos.

Não podemos deixar de dar justo destaque ao texto que se publica na secção de *Documentos*. Na verdade, este apartado da nossa Revista Filosófica de Coimbra anima-se neste número precisamente para dar o adequado relevo ao texto de António Castro Caeiro que, com júbilo, acolhemos nestas páginas. Pensador contemporâneo com amplo, sedimentado e inquestionável reconhecimento nacional e internacional, autor original e vigoroso, António Castro Caeiro apresenta-nos “Hylomorphism: Aristotle’s snub nose, Descartes’s wax, Kant’s plate and dog, Husserl’s brown bottle of beer. Notes on The History of the Hylomorphism: From Aristotle to Descartes”. Os pontos de interesse filosófico do referido trabalho são muitos e variados. Em lugar de os enumerar – deixaremos ao leitor o prazer de percorrer as linhas do texto –, limitamo-nos a chamar a atenção para o modo como o pensamento filosófico aqui se fortalece num diálogo erudito. O que terá começado com projeto de apresentação de uma obra relevante, transforma-se num diálogo profundo e vivo, no qual se percebe que o ato de filosofar é sempre o *encadeamento de um texto novo num texto já escrito*.

Não poderíamos encerrar esta *Nota Editorial* sem mencionar o facto de, uma vez mais, podermos “abrir” a nossa secção de *Recensões*, para nela receber contribuições assinaláveis. Assi, estamos certos, se encerra do melhor modo mais um número da nossa Revista Filosófica de Coimbra.

Luís António Umbelino

Diretor

DOI: https://doi.org/10.14195/0872-0851_67_0

